

# CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA EM PORTUGAL

FRANCISCO TOPA  
JOELMA SANTANA SIQUEIRA  
SOLANGE FIUZA CARDOSO YOKOZAWA

Os quinze<sup>1</sup> artigos reunidos neste livro foram apresentados na jornada *Literatura Brasileira em Portugal: Travessias*, realizada no dia 02 de junho de 2015 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, numa parceria dessa instituição com a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal de Viçosa.

A Jornada, que nasceu do desejo de oportunizar o diálogo entre professores de universidades portuguesas que pesquisam a literatura brasileira e investigadores de universidades brasileiras que se encontravam na ocasião em Portugal, envolveu cinco universidades portuguesas (Porto, Lisboa, Coimbra, Évora e Aveiro) e sete universidades brasileiras (Federal de Goiás, Federal de Viçosa, Federal do Recôncavo da Bahia, Federal da Bahia, Federal de Santa Catarina, estadual UNESP/Araraquara e Universidade de Brasília), tendo contado com o apoio financeiro do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) e da Universidade Federal de Viçosa.

Apesar da diversidade dos trabalhos apresentados na Jornada e aqui reunidos, eles assumem uma importância no conjunto porque dão uma visão metonímica das pesquisas hodiernas desenvolvidas em Portugal sobre a literatura brasileira, seja por professores portugueses, seja por professores brasileiros aí radicados<sup>2</sup>, seja também por professores brasileiros em estadia temporária no país para realização de investigação qualificada. Essas pesquisas

---

<sup>1</sup> Foram apresentados dezassete trabalhos quando da Jornada. Entretanto as Prof.<sup>as</sup> Maria Aparecida Ribeiro (U. Coimbra) e Cristina Firmino Santos (U. Évora) não puderam enviar seus textos para publicação.

<sup>2</sup> Um dos artigos é assinado por um italiano radicado em Portugal.

se inserem no contexto mais amplo das relações culturais luso-brasileiras e, mais pontualmente, do espaço universitário português destinado aos estudos da literatura brasileira.

De um certo ponto de vista, esse espaço é restrito e problemático, o que pode ser confirmado quando se acompanha a história da disciplina Literatura Brasileira em Portugal<sup>3</sup>. Essa história, marcada por percalços, é relativamente recente e remonta ao Decreto-Lei 586, de 1916. Sobretudo por falta de um professor brasileiro, conforme era exigência de um dos seus artigos, tal Decreto só resultou na criação da cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa em 1923; cadeira que teve, com seu primeiro professor, o brasileiro Oliveira Lima, uma orientação historicista. Entretanto, a disciplina Literatura Brasileira só passou a existir como tal em 1957 graças à reforma das Faculdades de Letras introduzida pelo ministro Leite Pinto. Criada inicialmente na Universidade de Lisboa (1957) e tendo como primeiro catedrático a figura prestigiosa de Vitorino Nemésio, a cadeira foi depois introduzida também nas Universidades de Coimbra (1960) e Porto (1972). Em que pese o fato de, após o 25 de abril, passar a integrar o currículo de várias outras Faculdades de Letras e em que pese a ampliação relativa de sua carga horária em 1984, quando José Augusto Seabra era ministro da Educação, ela teve, com as reformas posteriores à de Leite Pinto, uma redução progressiva de seu espaço, o qual não condiz com a importância que a literatura brasileira deveria ter para um estudante de Letras em Portugal. Em 1999, Arnaldo Saraiva chama a atenção para a situação absurda gerada por essa redução, que leva alunos em Estudos Portugueses e variantes (Francês, Inglês, Alemão) a se formarem sem estudar a literatura brasileira, desconhecendo autores como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Do final do século XX para cá, a situação da disciplina tornou-se ainda mais precária. Com a Declaração de Bolonha, que começou a ser implantada na virada do século, os cursos de Letras de países integrantes da União Europeia diminuíram seu tempo de formação para três anos, além de sofrerem outras consequências em função de ajustes econômicos decorrentes da crise que assola vários países europeus, entre os quais Portugal. O quadro atual do ensino da literatura brasileira em Portugal é assim sumarizado por Viviana Bosi:

*o ensino regular de literatura brasileira restringe-se, no geral, a apenas um ou dois semestres dos cursos de Letras, o mais das vezes optativos, quando os há. Na maioria dos casos, o professor acumula outros cursos de literatura comparada, africana ou hispânica. Ou ainda, ensina literatura brasileira junto às demais literaturas e culturas lusófonas. Uma consequência adicional da criação de um «espaço europeu» de ensino universitário foi a concentração de interesses à volta da cultura europeia, em sua variedade e riqueza, o que trouxe benefícios para a formação dos estudantes locais, hoje mais cosmopolitas, mas afastou-os ainda mais do Brasil, agora distante.* (BOSI, 2015: 145).

<sup>3</sup> Para se acompanhar a história da disciplina Literatura Brasileira em Portugal, de sua criação a 1999, veja-se o ensaio «Os estudos de Literatura Brasileira nas universidades portuguesas», de Arnaldo Saraiva (1999).

Para Abel Barros Baptista (2005) haveria ainda uma outra componente, de natureza crítica, responsável pelo desinteresse de alunos portugueses pela literatura brasileira. É que essa literatura, como literatura nacional, «formou-se» – conforme uma perspectiva crítica predominante no ensino da disciplina nas graduações em Letras do Brasil e, segundo Barros Baptista, também naquelas de Portugal – negando a tradição portuguesa para afirmar a sua identidade. De acordo com essa perspectiva crítica, ler a literatura brasileira implica perscrutar sempre um projeto de nação por ela engendrado no direito ou no avesso do texto. Para o crítico, pensar a literatura brasileira somente como uma representação do Brasil limita-lhe o alcance e o interesse para estudantes de outras nacionalidades, mesmo que falantes da mesma língua.

A mudança desse quadro dos Estudos Brasileiros em Portugal não passaria apenas por uma mudança na perspectiva crítica do ensino da literatura brasileira em Portugal – que hoje não parece ser regido pela perspectiva nacionalista – ou por um aumento da carga horária da disciplina. Como já notou Arnaldo Saraiva (1999: 16), «passa também pelo trabalho de editores, distribuidores, agentes culturais de vários tipos, como passa por bolsas de estudo, subsídios de viagens, revisão de tarifas postais ou alfandegárias, etc., e como passa por uma boa política da língua.»

A situação parece, pois, de difícil reversão, já que envolve frentes cuja mobilização, na atual situação econômica dos dois países, seria bastante complicada. Entretanto, apesar de questões ou questiúnculas nacionalistas que concorreram para um distanciamento entre as literaturas e culturas desses países e ainda hoje são alimentadas por alguns profissionais das Letras, sempre houve brasileiros e portugueses empenhados na causa comum da literatura brasileira em Portugal.

Também os trabalhos reunidos neste livro comprovam que os estudos brasileiros em Portugal, se não correspondem ainda à importância de que a literatura produzida no Brasil deveria se revestir nesse país irmão, têm rendido frutos. Há que se lembrar, inclusive, que os artigos assinados por brasileiros que desenvolveram investigação em Portugal estão todos vinculados a projetos financiados por órgãos de fomento do Brasil, notadamente a CAPES. Também a própria Jornada e este livro, que envolveram, em sua organização, um professor de instituição portuguesa e duas professoras de universidades brasileiras, atestam o caráter produtivo dos diálogos Portugal e Brasil na área de estudos literários. Além disso, vários trabalhos do livro, mormente os reunidos na seção *Escritores brasileiros em periódicos portugueses*, comprovam a presença de autores brasileiros em Portugal por meio de publicações, em periódicos, de suas produções ou de trabalhos críticos sobre eles. Enfim, as travessias crítico-literárias Brasil/Portugal, de que este livro constitui uma amostra, têm sido realizadas em várias direções.

Abre oportunamente os trabalhos o ensaio «Uma visão geral e parcial da literatura brasileira», de Arnaldo Saraiva, professor emérito da Universidade do Porto, onde foi o responsável, no início dos anos 70, pela criação da cadeira de Literatura Brasileira. Tendo

dedicado uma vida inteira ao ensino e à investigação da literatura brasileira, o ensaísta toca em algumas questões controversas que, em função de uma certa hegemonia ideológica no ensino dessa literatura no Brasil, não são devidamente problematizadas. É o caso das narrativas centradas na identidade nacional ou na formação da literatura brasileira, que, entre outros pontos cegos, terminam limitando a dimensão universal dessa literatura e, conseqüentemente, o interesse internacional que ela possa despertar. Também essas narrativas tendem a negligenciar o riquíssimo acervo oral e popular, como se ele não integrasse o contingente nacional. Além disso, elas, para sustentar a tese da ruptura, tendem a ignorar as profícuas relações estabelecidas entre Brasil e Portugal no âmbito da literatura e dos estudos literários, de que os trabalhos deste livro são exemplares.

Na seqüência, temos quatro artigos arrolados na secção *Escritores brasileiros em periódicos portugueses*, que atestam a presença de autores renomados ou «menores» em periódicos do século XIX e XX.

Assina o primeiro desses trabalhos Vania Pinheiro Chaves, brasileira radicada em Portugal e professora reformada de Literatura Brasileira da Universidade de Lisboa. Em «Contribuições do *Almanaque de Lembranças* para as relações luso-brasileiras», Vania Chaves examina aquele que foi, na segunda metade do século XIX e início do século XX, o mais importante periódico do seu gênero no espaço cultural português e brasileiro. O artigo mostra que a presença de matérias e escritores brasileiros no *Almanaque* fundado em 1850 por Alexandre Magno de Castilho foi muito numerosa, variada e permanente. Detém-se a articulista na participação feminina oriunda do Brasil e no destaque dado a autores brasileiros no artigo de abertura do *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, tomando-se como exemplo Gonçalves Dias. Entre suas conclusões, nota a articulista o empenho do periódico, por meio de seus editores, para o «fortalecimento das relações luso-brasileiras, afetadas pela Independência do Brasil e pelas subseqüentes manifestações de um nacionalismo, por vezes, xenófobo.»

No segundo trabalho da seção, «Anália Vieira do Nascimento e os logogrifos», Beatriz Weigert, também brasileira radicada em Portugal e professora reformada da Universidade de Évora, examina passatempos, notadamente logogrifos, da poetisa gaúcha publicados no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro* (1851-1932). Filha de pai português, Anália Vieira do Nascimento (1854-1911) foi colaboradora assídua do periódico lisboeta, onde assumia, por meio dos passatempos, uma intensa e interessante intercomunicação com os leitores.

Beatriz Weigert e Vania Pinheiro Chaves, além de Maria Aparecida Ribeiro, professora da Universidade de Coimbra, que participou da Jornada, mas, por motivos justificados, não pôde enviar o seu texto para publicação, todas essas professoras, já reformadas, mas produzindo, exemplificam a presença constante, na história da disciplina Literatura Brasileira em Portugal, de brasileiros na condução da disciplina; presença que parece se rarefazer ou se desfazer nos últimos tempos, com a aposentadoria da última leva desses professores.

Também na seção *Escritores brasileiros em periódicos portugueses*, Francisco Topa, professor da Universidade do Porto na área de literaturas brasileira e africana de expressão portuguesa, examina a presença de Lygia Fagundes Telles na revista feminina portuguesa *Eva*, em que colaboraram nomes como Sophia de Melo Breyner Andresen, Carlos de Oliveira, Miguel Torga, Murilo Mendes, Rubem Braga, Oscar Wilde, Joyce, Hemingway, entre outros. Francisco Topa centra-se, sobretudo, no conto «O olho de vidro», publicado no periódico em 1959, mas recolhido anteriormente no volume *O cacto vermelho*, de 1949, e, posteriormente, em *Antes do baile verde*, de 1970. O foco do articulista são as alterações que a escritora realiza nas três versões do conto. Antes, porém, de examinar essas versões, noticia as edições de obras de Lygia Fagundes Teles em Portugal bem como as dissertações e teses desenvolvidas sobre ela em Portugal para comprovar que a autora não recebe, nesse país, uma atenção condizente com a alta literatura por ela desenvolvida.

Fecha a seção o artigo «A recepção de João Cabral de Melo Neto pela crítica portuguesa: de Vitorino Nemésio aos anos 60», de autoria de Solange Fiuza Cardoso Yokozawa, da Universidade Federal de Goiás. O trabalho, que se vincula ao estágio de pós-doutoramento (2015-2016) desenvolvido pela autora na Universidade do Porto, com financiamento do CNPq, e na Universidade Federal Fluminense, examina a crítica portuguesa sobre Cabral, notadamente a publicada em jornal, a qual passa por um verdadeiro *boom* nos anos 60. Cabral está entre os poetas modernos brasileiros de maior prestígio em Portugal. Sua canonização crítica portuguesa nos anos 60 foi devida, entre outras razões arroladas pela articulista, à publicação de obras suas por editoras de Portugal, o que atesta um ponto fundamental para o estreitamento do diálogo entre as literaturas dos dois países, que é a edição portuguesa de autores brasileiros bem como a publicação de autores portugueses no Brasil. Solange Yokozawa fecha o seu trabalho com a análise de um poema crítico de Alexandre O'Neill sobre Cabral; poema que, diga-se de passagem, é emblemático do diálogo efetivo e intenso travado entre escritores brasileiros e portugueses nos anos 50 e 60.

A seção *Estudos de poesia brasileira & outros estudos* abriga trabalhos críticos sobre poetas, ainda que um deles em obra dramática, e um ficcionista brasileiros, sendo aberta pelo artigo «João Cabral e Clarice Lispector: sim contra sim», de Joelma Santana Siqueira, da Universidade Federal de Viçosa. O trabalho, vinculado a um projeto de pós-doutoramento financiado pela CAPES e desenvolvido entre 2014-2015 na Universidade do Porto, consiste num estudo comparativo entre dois dos maiores representantes brasileiros da prosa e da poesia modernas. Apesar da correspondência que estabeleceram e da admiração recíproca, são escritores bastante diferentes. Assim, partindo de caracterizações assentes sobre ambos, as quais evidenciam essa diferença – João Cabral é um poeta construtivista, objetivo, que mantém um olhar para fora e Clarice é uma romancista intuitiva, intimista, que mantém um olhar para dentro –, a articulista as problematiza, mostrando o que há de construção (in)consciente e obsessiva no trabalho clariceano. Conclui que «Cabral e Lispector são dois escritores diferentes, mas, a realização literária, para ambos, é resultado de um trabalho

paciente de procura e observação da coisa construída, com o objetivo de obter algo o mais concreto possível na linguagem.».

Na sequência, Antônio Manuel Ferreira, professor da área de literaturas lusófonas da Universidade de Aveiro, acompanha a poesia aparentemente simples de Adélia Prado, revelando-lhe a complexidade verdadeira ao situá-la numa vasta, variada e rica tradição literária. Ao fazê-lo, o articulista recupera filiações já amiúde enunciadas, como a Bíblia, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, mas também propõe outras inauditas, como Alberto Caeiro e Lucrécio. Sem deixar de notar as diferenças entre estes dois últimos e a poetisa mineira, observa que a «valorização da matéria e o conseqüente enfraquecimento do poder da morte, bem como o enaltecimento do Jesus humano, em detrimento do Cristo místico», estão entre os fatores de diálogo intertextual ativo entre os três poetas.

A poesia contemporânea é também contemplada por Joana Matos Frias, professora de Literatura Brasileira da Universidade do Porto, em «Vamos comer Oswald?: processos de devoração na poesia brasileira contemporânea». Segundo a articulista, a antropofagia de Oswald de Andrade, em sua dimensão teórica e prática, originou um processo de filiação «com proporções invulgares e de conseqüências surpreendentes na história da arte brasileira moderna e contemporânea», sendo apropriado, com deslocamentos, pelos poetas marginais, por Paulo Leminski e pelas poetisas contemporâneas Angélica Freitas e Marília Garcia, no exame das quais se detém a articulista. Angélica Freitas, numa relação de intimidade marginal com a tradição, nomeia os autores que deseja solicitar, enquanto Marília Garcia assenta suas estratégias interdiscursivas e intersubjetivas no que a articulista denomina poemas-ensaio.

Em «Orfeu na cena trágica brasileira», Antônio Donizeti Pires, professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara), realiza um estudo do texto dramático *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes. O artigo é produto de uma investigação de pós-doutorado realizada na Universidade de Brasília que incluiu um estágio, entre 2014-2015, na Universidade de Coimbra, com financiamento da CAPES. Ao examinar a peça de Vinicius de Moraes que estreou em 1956, no Rio de Janeiro, o crítico contempla-lhe tanto a dimensão estritamente literária quanto suas possibilidades e virtualidades cênicas, propriamente teatrais. Antes, porém, de analisar a atualização carioca do mito órfico, o artigo apresenta informações esclarecedoras sobre esse mito, contextualizando a produção de Vinicius de Moraes e a peça. Ao fim do trabalho, o articulista, ainda, levanta e revisa uma significativa recepção crítica do texto dramático de Vinicius de Moraes e de suas releituras teatrais e fílmicas.

Alberto Sismondini, italiano radicado em Portugal e professor da Universidade de Coimbra, encerra a seção *Estudos de poesia brasileira & outros estudos* com o artigo «Uma reportagem imagológica da velha Europa por um modernista brasileiro: Antônio de Alcântara Machado e *Pathé Baby*». Nesse trabalho, recorre aos conceitos de carnavalização e caricatura propostos por Bakhtin para realizar uma leitura do imaginário do continente europeu construído na narrativa de viagem do ficcionista brasileiro. Apresentando uma

atitude diversa da maioria dos viajantes brasileiros à Europa, mormente à Itália, país contemplado majoritariamente nas crônicas, Alcântara Machado não demonstra uma provinciana subordinação cultural, mas antes enfatiza o aspecto surreal dos europeus, transformando o velho continente numa *Commedia dell'Arte* fundamentada no grotesco. Segundo o articulista, «as andanças de Alcântara Machado pelo velho continente parecem procurar confirmações da paisagem humana já por ele encontrada nos bairros populares de São Paulo, pois o imigrante pobre ganha o menosprezo do nativo rico e leva o mesmo fardo de preconceitos da sua terra de origem.».

A última seção do livro, *Literatura e História*, abriga tanto leituras de romances históricos brasileiros quanto trabalhos da área de História que apresentam uma relação transversal com a literatura, de modo a evidenciar a articulação fecunda dessas duas áreas do conhecimento.

A seção é aberta por um trabalho assinado por Edvaldo Bergamo, professor da Universidade de Brasília que desenvolveu, entre 2014-2015, investigação pós-doutoral na Universidade de Lisboa, com financiamento da CAPES. O artigo «Romance histórico pós-colonial? A narração da presença portuguesa nos trópicos em *Desmundo*» é produto dessa investigação. Nele, o crítico analisa o romance histórico de Ana Miranda, acompanhando a trajetória da personagem protagonista, a qual dá a ver o processo de colonização dos territórios coloniais, sob domínio de Portugal, na época das descobertas, no Brasil. Antes, porém, de analisar essa narrativa de formação histórica que subverte a história oficial ao privilegiar a voz e a visão da mulher, recupera o conceito de romance histórico conforme Lukács e acompanha as transformações do romance histórico do século XIX para aquele da segunda metade do século XX.

O romance histórico contemporâneo é também o foco do artigo «A representação dos excêntricos no novo romance histórico contemporâneo: uma leitura dos romances *A República dos Bugres* e *Conspiração Barroca*, de Ruy Reis Tapioca», de Cristiano Mello de Oliveira, doutorando pela Universidade Federal de Santa Catarina que desenvolveu, em 2015, com bolsa CAPES, estágio na Universidade do Porto. Como produto desse estágio, nesse artigo, Cristiano Oliveira realiza uma leitura dos romances *A República dos Bugres* (1999) e *Conspiração Barroca* (2008), do escritor baiano Ruy Reis Tapioca, pouco conhecido até mesmo no Brasil. Esses romances representam personagens excêntricas, marginalizadas, que não fizeram parte da História oficial. No trabalho, o articulista verifica como se estabelece a representação de tais personagens, procurando entender como elas modificam suas atitudes diante dos acontecimentos históricos.

Em «Conquista do paraíso: santidade e ascetismo no *Agiologio Lusitano* (1564-1666)», Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel, doutorando pela Universidade da Bahia, com estágio doutoral, financiado pela CAPES, na Universidade do Porto, examina a importância das práticas ascéticas para a construção da santidade no Portugal Pós-Tridentino. Para tanto, emprega a análise estatística das pequenas biografias de ascetas presentes no

*Agiologio Lusitano*, entre os anos de 1564 e 1666, com ênfase nos praticantes das formas mais intensas de ascetismo. Segundo o articulista, essa obra de Jorge Cardoso, ainda que inacabada, representa o esforço para trazer à luz santos obscuros e, possivelmente, produzir mais canonizações para lustrar a Coroa, tendo, portanto, também implicações políticas. A compreensão das práticas de ascetismo narradas no *Agiologio Lusitano* e destacadas por Leonardo Rangel concorrem para um melhor entendimento do universo religioso do Portugal quinhentista e seiscentista, pois os modelos apresentados são um reflexo, ainda que turvo, da sociedade que os criou.

No artigo «Colonização e pensamento ilustrado: Domingos Álvares Branco Muniz Barreto e seus primeiros escritos», Fabricio Lyrio Santos, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e investigador de pós-doutorado da Universidade Nova de Lisboa com bolsa CAPES, aborda aspectos da biografia e da produção intelectual de um dos mais ricos e intrigantes personagens históricos do universo colonial luso-brasileiro de finais do século XVIII e início do XIX: Domingos Álvares Branco Muniz Barreto (c. 1748-1831). Militar de carreira e com um perfil acentuadamente intelectual e ilustrado, Domingos Barreto escreveu sobre os mais diferentes assuntos, desde economia e política até história natural e mineralogia, passando por reflexões em torno das populações indígenas do Brasil, assunto que o levou a redigir o primeiro «Plano sobre a civilização dos índios» de que se tem notícia. No trabalho, Fabricio Santos revisa aspectos da biografia e da produção intelectual desse personagem histórico, visando estabelecer seus primeiros escritos, redigidos entre os anos de 1788 a 1793.

Fecha a seção e o livro o artigo «Bens de um cônego da Sé de Olinda em meados de setecentos: leitura de um inventário *post mortem*», de Pedro Vilas Boas Tavares, professor da Universidade do Porto. No trabalho, o autor, movido pela ideia de que a «complexa e rica malha da ‘micro-história’ entretece e dá expressão concreta à macro-história», examina a relação de bens do cônego, licenciado, Manuel Machado Freire, nascido em 1712. Para seguir o seu propósito, o articulista, do Brasil colonial, realiza «travessias» que nos transportam até o Portugal Medieval e Moderno, valendo-se, além dos documentos, de material iconográfico.

Se a literatura brasileira não tem tido um espaço nas universidades portuguesas compatível com a sua importância, se também a literatura portuguesa tem sido secundarizada nas Faculdades de Letras do Brasil, se a própria literatura tem sido posta em xeque nestes tempos, os artigos deste livro comprovam que os estudos da produção literária brasileira ainda insistem em resistir em Portugal, país que tem sido a casa de muitos brasileiros que para lá seguem para desenvolver suas investigações; tem sido o espaço exterior em que, malgrado os equívocos e limites de ambos os lados, mais se trabalha pela causa da literatura brasileira, tomando-a, para retomar as palavras de Arnaldo Saraiva (2003: 9) citadas na epígrafe desta apresentação, «como uma causa da literatura em português, uma causa da língua portuguesa – uma causa de Portugal.».

## Referências

- BAPTISTA, Abel Barros (2005) – *O livro agreste*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP.
- BOSI, Viviana (2015) – *Cabral aporta em Portugal: poesia brasileira lida pela crítica portuguesa atual*. «Abril». Niterói. 7, 15 (2.º sem., nov.), p. 143-160.
- SARAIVA, Arnaldo (1999) – *Os estudos da literatura brasileira nas universidades portuguesas*. «Terceira margem». Porto. 2, p. 7-9.
- SARAIVA, Arnaldo (2003) – *A causa da literatura brasileira em Portugal*. «Terceira margem». Porto. 4, p. 7-17.